

LARGO DO BOIADEIRO NA FAVELA DA ROCINHA: um espaço de (re)construção identitária

Mariana Vieira Souza Pereira
Estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-RJ
E-mail: marianavieiraspereira@yahoo.com

Resumo

O presente artigo, a partir da perspectiva marxista, almeja discorrer sobre a migração inter-regional como uma expressão da questão social e a constituição das favelas como uma consequência da crise urbana. Em seguida, utilizando-se da interdisciplinaridade será abordada a interconexão entre mobilidade e memória social, analisando as diásporas dos nordestinos para a Rocinha e as formas não escritas de construção e reprodução das suas memórias a partir de construções identitárias, oralidade e performance observadas no Largo do Boiadeiro, por meio do comércio, atividades culturais, da feira dominical de artesanato, arte e comida nordestina. Deste modo, para a realização do estudo foi feita uma pesquisa bibliográfica seguida de pesquisa de campo, utilizando a entrevista como métodos para a produção de dados que ao final irá comprovar a hipótese norteadora do trabalho.

Palavra-Chave: migração interna, favela da Rocinha, lugar de memória

Abstract

This article, from a Marxist perspective, aims to discuss inter-regional migration as an expression of the social issue and the constitution of favelas as a consequence of the urban crisis. Then, using interdisciplinarity, the interconnection between mobility and social memory will be addressed, analyzing the diasporas of northeasterners to Rocinha and the unwritten forms of construction and reproduction of their memories based on identity constructions, oralidade and performance observed in Largo do Boiadeiro, through commerce, cultural activities, the Sunday crafts, art and northeastern food fair. Therefore, to carry out the study, a bibliographical research was carried out followed by field research, using interviews as methods for producing data that will ultimately prove the guiding hypothesis of the work.

Keywords: internal migration, Rocinha favela, place of memory

Introdução

De acordo com informação disponibilizada no website Wikifavelas¹, a favela da Rocinha possui atualmente 67.199 habitantes com base nos dados preliminares apresentados pelo Censo Demográfico 2022, sendo considerada a segunda maior favela do Brasil em número de domicílios – 30.955, uma quantidade bastante expressiva. Por sua vez, o Museu Sankofa² ao se propor a contar a história da favela através da memória dos seus moradores afirma que a Rocinha pode ser definida como casa, lugar de morada, ou ainda nas palavras de Antônio Carlos Firmino “uma favela que ao mesmo tempo que constrói a cidade, também se constrói”.

O museu Sankofa segue contando a história da Rocinha, através de uma linha do tempo, desde quando a região ainda possui características rurais – década de 1920 –

¹ Sítio eletrônico cuja finalidade é a construção de conhecimento, de modo coletivo, sobre favelas e periferias no Brasil.

² Sankofa é um ideograma africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, que pode ser compreendido como a necessidade de olhar, buscar suas raízes.

até os dias atuais. Ao fazer menção ao primeiro período de expansão da favela enfatiza que o seu crescimento ocorreu de forma concomitante ao desenvolvimento do bairro da Gávea, que por sua vez acarretou o desenvolvimento industrial na região, ressaltando que nos anos 50 a Rocinha já apresentava a configuração conhecida atualmente.

Ainda sobre o histórico de expansão da Rocinha, que já foi considerada a maior favela da América Latina, o CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância afirma que a partir de 1950 foi possível observar um aumento da migração de nordestinos para o Rio de Janeiro, oportunidade em que muitos passaram a residir na Rocinha. Destaca que este boom da migração nordestina foi maior entre o período de 1960 e 1970 em razão da construção dos túneis Rebouças e Dois Irmãos, com objetivo de melhorar a integração da cidade, que proporcionou muitas ofertas de emprego, passando a partir de então os moradores da Rocinha serem caracterizados como de origem principalmente nordestina.

Todavia, muito embora a Rocinha seja considerada uma favela nordestina por seus habitantes foi observada uma lacuna na produção acadêmica sobre este tema, o que motivou a pesquisa que vem sendo desenvolvida. Menciona-se que certa vez Gilberto Velho escreveu: “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido” (Velho, p.3, 1978), esta afirmação me levou a reflexão que muito embora exista a premissa de ser a Rocinha uma favela com forte presença da cultura do Nordeste, o assunto não é conhecido. Deste modo o estudo proposto almeja compreender o sub – bairro do Largo do Boiadeiro como um espaço de memória e (re) produção do Nordeste na Rocinha.

A ausência de estudos sobre a migração nordestina para a favela da Rocinha – temática abordada neste artigo – nos remete ainda ao conto “A carta roubada”, ilustração utilizada por Marco Antônio Villa para descrever a migração nordestina para São Paulo em seu livro “Quando eu vim-me embora”. Seguindo esta linha de raciocínio deve ser esclarecido que o conto mencionado acima é de autoria do escritor americano Edgar Allan Poe e descreve a história de uma carta desaparecida que estava sendo utilizada como elemento de chantagem. Apesar de toda busca para encontrá-la a carta não foi achada, todavia, diferentemente do que se pensava ela estava o tempo todo à vista, em cima da mesa em um porta-cartas. Ao ponto de estar camuflada de tão aparente. Por isso, Villa afirma:

A migração nordestina para São Paulo é uma espécie de “carta roubada”. Está à vista de qualquer um. É difícil encontrar algum espaço urbano na capital paulista onde direta ou indiretamente não haja uma referência a presença nordestina. Contudo, ainda são poucos os estudos sobre a importância desta migração para São Paulo, diferentemente do que ocorre com a migração europeia ou asiática. (Villa, 2017, p.7)

Ressalta-se que situação semelhante pode ser percebida na Rocinha, à medida que ao caminhar pela favela e conversar com seus moradores é possível perceber “a origem comum e predominante da maioria de seus moradores” (Barbosa, 2021, p. 124) razão pela qual é considerada uma comunidade urbana composta por migrantes nordestinos. Barbosa (2021) destaca que a relação entre migração e favela é estreita, uma vez que é normal verificar que muitas pessoas do nordeste que se deslocaram para o Rio de Janeiro, principalmente por fatores econômicos, foram buscar moradia nas favelas e assegura:

A hegemônica presença de migrantes nordestinos em determinadas favelas possibilita a construção de sentimento comunitário e dá

identidade ao lugar, conferindo a essas localidades e a seus moradores atributos particulares em relação a outras tantas existentes e coexistentes. Uma forma de se autoatribuir valor e marcar distinção em relação a demais moradores, bem como expor contraposições entre as favelas. (Barbosa, 2021, p.124-125)

Isto posto, é válido mencionar que o estudo em tela é fruto de uma pesquisa exploratória visando um entendimento mais amplo sobre o tema proposto, e tem início com a aproximação e observação do campo de estudo para definição da questão que será investigada. Minayo, ao discorrer sobre o assunto diz: “a pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos” (Minayo, 2016, p.12). Neste sentido, fazendo uso do método da observação participante foi possível esquadrihar a dinâmica da favela e conhecer um pouco mais da sua história reunindo informações que direcionaram a pesquisa até o Largo do Boiadeiro.

Assim, o caminho metodológico percorrido pode ser compreendido por três etapas principais. A primeira, para melhor compreensão do cenário foi feita uma pesquisa bibliográfica para identificação do estado da arte, comprovando a ausência de estudo sobre o tema. Em um segundo momento foi iniciada a aproximação com o campo, mapeando os pontos de memória no Largo do Boiadeiro, conversando com as pessoas da região – comerciantes, feirantes, moradores – e observando as performances. Assim, a observação participante foi adotada como método de pesquisa podendo ser definida como: “uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de correspondentes e informantes, a participação e a observação diretas e a introspecção” (Flick, p.207, 2009).

Em outras palavras, o observador não se torna um componente do campo observado, mas com base na tradição de Erving Goffman estuda a sociedade a partir da análise do comportamento humano em diferentes situações. Ou seja, a finalidade é a obtenção de um conhecimento de insider, através da integração do pesquisador com o campo (Flick, 2009). A partir deste contato inicial com o campo de pesquisa, a construção de vínculos com a população, foi definido um segundo método de pesquisa que seria utilizado. A opção foi pela realização de entrevistas, uma vez que o método selecionado nos proporciona a produção de dados verbais e a análise através de uma perspectiva compreensivista das relações sociais; da sociedade; das motivações e crenças do sujeito da pesquisa.

O critério estabelecido para participar da entrevista era ter experimentado este processo de deslocamento do Nordeste para o Rio de Janeiro, residir na Rocinha e frequentar o Largo do Boiadeiro. Através das entrevistas pretende-se identificar as causas geradoras da decisão de migrar; o que motivou a escolha de residir na Rocinha; as memórias do Nordeste que cada entrevistado possui em seu imaginário e como o espaço do Largo do Boiadeiro ajuda a materializar estas memórias. Por fim, a terceira etapa abrange a análise das entrevistas e o compartilhamento dos resultados alcançados.

Para além do hiato já mencionado, a relevância da pesquisa pauta-se ainda no fato de que o fenômeno migratório integra a construção de um projeto político-econômico, deste modo compreender sobre as diásporas observadas internamente nos ajuda entender sobre a nossa formação social (Valim, 2009) e seus impactos, além de realçar as sequelas estruturais do país. Dito isto, e visando um entendimento mais amplo sobre o tema de estudo proposto, o presente artigo foi dividido em duas partes. Na primeira parte, para construção do argumento, foram utilizadas matrizes epistemológicas marxistas considerando “a historicidade dos processos sociais e dos conceitos, as condições socioeconômicas de produção e as contradições sociais” (Minayo, 2016, p. 23-24), em especial a jornalista e pesquisadora Ana Valim.

Conforme (Valim, 2009) frisa na apresentação do seu livro migração e exclusão social passam ser consideradas sinônimo, contribuindo para o empobrecimento deste grupo. Frisa-se que os migrantes nordestinos eram vistos como uma mão de obra barata, sendo justamente na relação capital/trabalho que se encontra a gênese da questão social. Neste sentido, para discorrer sobre o estudo do urbano serão analisadas as produções de David Harvey e Ermínia Maricato. Em seus textos Harvey, um dos geógrafos mais importante da atualidade, busca desenvolver uma teoria da relação sociedade-espço tendo como base a teoria social de Marx e estabelecendo interlocução com diversas áreas e discussões das ciências humanas, além de promover reflexões sobre a vida urbana e a cultura que ela projeta (Harvey, 2005).

Por sua vez, a produção de (Maricato, 2015) é marcada pelo entendimento de que juntamente com o desenvolvimento do capitalismo é concebida uma “crise urbana”. Fundamentando seu pensamento a autora apresenta reflexões teóricas e políticas que auxiliam na compreensão do funcionamento e da organização do espaço urbano a partir da perspectiva marxista enfatizando que um elemento fundamental para compreensão da crise é a questão da terra, um dos fatores principais da acumulação capitalista - tanto no campo como na cidade – assim como as questões estruturais de moradia.

Na parte dois, será privilegiada a interdisciplinaridade para estabelecer a interconexão entre mobilidade e memória social, para tanto será utilizado o artigo “*Por uma teoria social on the move*” que possui entre os seus autores Bianca Freire-Medeiros, pesquisadora associada do Centro de Estudos da Metrópole que se propõe a investigar e refletir sobre o significado do movimento na experiência urbana, analisando de forma privilegiada as mobilidades socioespaciais.

Destaca-se, que muito embora a pesquisa proposta se utilize da teoria marxista sabe-se que o capitalismo apresenta a promessa de um mundo fluído, sem fronteiras, não sendo suficiente para explicar a crise civilizatória que vivenciamos. Assim, será utilizado ainda o artigo “*Métodos Móveis*” de autoria de Monika Buscher e Leticia Veloso que discorre sobre o método da mobilidade que nos permite analisar um tema a partir de sistemas, não somente a partir da lente da sociologia. Em vista disso, será consultada ainda a autora Leda Maria Martins que escreve sobre performance da oralidade e nos convida a pensar a memória em outros ambientes a partir da voz e do corpo comunicando afetos e emoções.

Desenvolvimento

Inicialmente é importante mencionar que a chamada “era das migrações”, enunciado utilizado por Stephen Castles para fazer referência ao intenso deslocamento humano observado no mundo contemporâneo, sendo considerado uma das características da globalização, não acontece somente em escala global, podendo ser observado também no âmbito interno, nos proporcionando refletir sobre os efeitos da migração inter-regional na sociedade brasileira.

Deste modo, para desenvolvimento de um processo estruturado, interlocuções entre as categorias migração, expansão acelerada das cidades e crise urbana, ocasionada por questões estruturais de moradia e aumento da pobreza nas metrópoles, foram estabelecidas pretendendo demonstrar que “a sociedade em movimento se apresenta como uma vasta fábrica das desigualdades e antagonismos que constituem a questão social” (Ianni, 1989, p. 147), enfatizando a declaração de José Paulo Netto (Netto, 2001), que a gênese da questão social se encontra no desenvolvimento do capitalismo estando pautada na relação capital/trabalho.

Migração, favela e produção do espaço urbano

Ao analisar o fenômeno da migração interna no Brasil no período compreendido entre 1950-1970, com base em pesquisas realizadas e disponibilizadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foi possível observar a ocorrência de um fluxo intenso de migrantes originários da região nordeste de Minas Gerais, especialmente para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo a partir da verificação dos impactos demográficos constatados na região (Brito, 2006). Destarte, ao investigar em que condições este deslocamento aconteceu constatou-se ser no mesmo espaço de tempo em que o êxodo rural ocorreu de forma mais acentuada no Brasil, podendo ser associado a inúmeras dinâmicas socioespaciais como a mecanização do campo, a concentração fundiária e a industrialização que proporcionou maiores oportunidades de trabalho nas cidades.

Contudo, Barbosa salienta a existência de uma “espécie de monopólio de ofício exercido por migrantes nordestinos” e segue descrevendo que “as razões para a afiliação a tais ocupações são atribuídas a determinados fatores, como o baixo nível de escolaridade e a pouca experiência em trabalho em contexto urbano” (Barbosa, 2021, p. 127). Logo, é possível observar que os migrantes de origem nordestina que buscam uma vaga no mercado de trabalho costumam se encaixar quase sempre nos mesmos tipos de ocupação: porteiro, auxiliar de obra, garçom, empregada doméstica. “Situação que vai de encontro do pressuposto de Sayad, que afirma haver uma espécie de *mercado de trabalho para migrante*”. (Barbosa, 2021, p. 127 apud Sayad, 1998, p.55).

Destaca-se que de acordo com estudos disponibilizados pela Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária, nas décadas de 70 e 80 o êxodo rural contribuiu com aproximadamente 20% de toda a urbanização do país. Nesta época era possível observar o forte investimento realizado no setor industrial, sendo considerado este o propulsor da economia brasileira, produzindo emprego e renda (Furtado, 1986). Deste modo, conforme menciona (Costa, 2019) entre 1950 e final da década de 70, a migração inter-regional contribuiu de forma significativa para o processo de urbanização de São Paulo e Rio de Janeiro almejando responder as demandas impostas pelo capitalismo.

Todavia, à medida que se intensifica o processo de urbanização cresce o abismo entre as classes sociais, uma vez que “a apropriação da riqueza socialmente gerada é extremamente diferenciada” (Yazbek, 2001, p.33). Logo, é possível constatar que “a pobreza é uma face do descarte da mão de obra barata, que faz parte da expansão capitalista” (Yazbek, 2001, p.35) estando diretamente relacionada com o avanço da industrialização e a expansão urbana.

Assim, na tentativa de compreender a teoria urbana sob um novo prisma, Harvey busca a partir dos ensaios reunidos na obra “*A produção capitalista do espaço*”, escritos ao logo de quase 30 anos, considerar os estudos de Marx como matéria-prima para interpretar a geografia e suas áreas cognatas. Deste modo, ao realizar a leitura dos textos marxistas, Harvey afirma

tratar suas afirmações como propostas experimentais e ideias inacabadas, que precisam ser consolidadas em uma forma teórica de argumentação mais consistente, que respeita o espírito dialético e não as sutilezas verbais dos seus estudos, notas e cartas grandemente inéditos. (...) encontrei, em Marx, uma base fértil para uma série de estudos subsequentes. (Harvey, 2005, p.11)

Tais estudos, englobando “a natureza politicamente controversa dos conhecimentos geográficos, das questões ambientais, dos desenvolvimentos político-econômico locais

e da relação geral entre o conhecimento geográfico e a teoria social e política” (Harvey, 2005, p.11) ensejaram no desenvolvimento de uma geografia crítica. Ainda sobre a produção do urbano Ermínia Maricato enfatiza que um elemento fundamental para compreensão da crise urbana é a questão da terra, um dos fatores principais da acumulação capitalista – tanto no campo como na cidade – assim como as questões estruturais de moradia (Maricato, 2015).

Assim sendo, a migração pode ser compreendida como uma expressão da questão social, ou seja, um fenômeno social, fundada no capitalismo e assentada na variabilidade de trabalho (Valim, 2009). Barbosa (2021), sobre essa questão afirma:

Uma situação comum a muitos migrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro foi a moradia em locais de infraestrutura precária, como as favelas. A inserção nestes espaços ocorre, antes de qualquer coisa, por motivos econômicos, mas também por apoio moral imediato. (Barbosa, 2021, p. 123)

Portanto, as favelas surgem como alternativa de moradia expandindo-se de forma desordenada e precária como consequência do processo de crescimento urbano intensificado pela industrialização. Muito embora as favelas no início do século XX tenham tido o seu processo de construção e suas representações sociais como sendo compostas por casebres de madeira, formando beco estreitos, com difícil acesso e pouca iluminação relacionadas ao mito de Canudos, que serviu de auxílio para que os cronistas e jornalistas da época pudessem compreender e interpretar a favela emergente (Valladares, 2005), é válido ressaltar o exposto por Barbosa, Silva e Simão (2020) ao enfatizarem que as favelas possuem inúmeras características que a transformam em espaços singulares. Logo, as favelas não devem ser estudadas de forma reducionista a partir do paradigma da ausência mas percebendo suas particularidades e potências.

Mobilidade e Memória Social

Desta forma, almejando compreender de modo mais amplo e aprofundado a relação existente entre mobilidade de memória social, a interdisciplinaridade será adotada diante desta promessa de mundo fluído apresentada pelo capitalismo. Nesta linha de raciocínio, será utilizado como parâmetro do dossiê “Por uma teoria social on the move” que reúne artigos que visam discutir a necessidade de uma nova teoria social, atenta ao mundo líquido contemporâneo assim como a sua crescente mobilidade humana e cultural.

No texto de apresentação do copilado os autores mencionam:

e desse mundo de mobilidades e imobilidades, das condições de possibilidade de sua emergência, dos princípios normativos profundamente desiguais que o sustentam e dos deslocamentos epistêmicos por eles provocados, que tratam os artigos reunidos neste Dossiê. (Freire-Medeiros, Telles e Allis, 2018, p.1)

Em suma, os autores defendem a necessidade de uma nova teoria social, uma vez que a desenvolvida na Europa e Estados Unidos se encontra obsoleta, estando pautada em hipóteses que não se adequam mais a compreensão da atual realidade, ignorando a mobilidade humana e cultural observada na sociedade moderna. Desta forma a nova teoria social que está sendo proposta representa uma contribuição valiosa para a construção do pensamento sociológico moderno, à medida que nos confere suporte

para apreender a realidade complexa observada e vivenciada em nossa sociedade atual.

Dentre as abordagens variadas proposta para desenvolver uma teoria social on the move, destaca-se as que dão ênfase as dimensões locais e cotidianas analisadas sob uma perspectiva crítica das mobilidades, sendo capaz de identificar e analisar o que motivou o deslocamento - por ser o tema do estudo apresentado neste artigo - enfatizando que a mobilidade humana e cultural é uma característica do mundo globalizado, que por sua vez proporciona uma junção de várias identidades e culturas que não podem ser desconsideradas, estando deste modo redefinindo as estruturas da nossa sociedade. Logo, se faz necessário a adoção de novos métodos para compreender as transformações sociais vivenciadas.

Neste sentido, será utilizado o artigo “métodos móveis” para argumentar a aplicação de novas metodologias baseadas no movimento – tanto de pessoas como de objetos – e sua potência objetivando compreender a mobilidade como um fenômeno central na produção da sociedade, integrando assim o “novo paradigma das mobilidades”. Portanto, as autoras destacam: “ao incorporar as mobilidades aos métodos de pesquisa, busca-se avançar na compreensão de alguns dos traços característicos da vida contemporânea” (Buscher; Veloso, 2018, p.133).E seguem afirmando: “uma maneira de conceber um “método móvel”: técnicas, métodos e metodologias que permitam documentar, acompanhar (seguir) e compreender as diferentes mobilidades abarcadas pelo “novo paradigma” – mobilidade de pessoas, de coisas e de ideias” (Buscher; Veloso, 2018, p.134 apud Sheller e Urry, 2006).

Deve se ressaltado, que o artigo em referência optou por discutir algumas pesquisas selecionadas que conseguiram aplicar os métodos móveis de maneira criativa, abrangendo temas diversos, incluindo todavia a migração e a mobilidade urbana. Desta forma, os exemplos apresentados no artigo ajudam a ilustrar como os métodos móveis podem ser utilizados visando compreender a relação existente entre mobilidade e seus impactos na sociedade. No que tange especificamente sobre a mobilidade urbana, o texto apresenta alguns exemplos de métodos móveis como GPS, smartphones e câmeras.

Trazendo a utilização dos métodos móveis para a pesquisa que está sendo realizada, atualmente seria possível utilizar o GPS, por exemplo, para rastrear o deslocamento dos migrantes que deixam o Nordeste em direção ao Rio de Janeiro – de modo específico para a Rocinha – que acontecem ainda hoje, embora em uma escala menor, proporcionando estudar de modo mais aprofundado os padrões de deslocamento. Ainda sobre a utilização dos métodos móveis, relembramos matéria recente publicada pelo Jornal Fala Roça, que afirma que os nordestinos continuam buscando futuro na Rocinha, e ao entrevistar Lucylianne Bertuleza constatou como o uso de smartphones e redes sociais contribuiu para impulsionar o seu deslocamento.

A matéria disponibilizada no site do Jornal afirma com base na entrevista realizada:

“Lucy, como gosta de ser chamada, veio morar na Rocinha motivada pelos vídeos produzidos pelo influenciador Bruno Thierry. Ele mostra o dia a dia do Morro e parte das facilidades de se morar na Rocinha pelo Instagram. O perfil dele Rockycria tem mais de 441 mil seguidores. Ela e a família saíram de Messejana, bairro de Fortaleza, percorrendo de ônibus 2.594,3 km, até o Rio de Janeiro, com objetivo específico de morar na Rocinha. “Eu pensei no meu futuro e no das crianças, aqui tem mais facilidades de emprego, escola, bolsas e cursos grátis, lá também tem, mas aqui tem mais”, conta Lucy.”

Isto posto, não resta dúvida de ser os métodos móveis uma excelente e inovadora ferramenta de pesquisa sobre mobilidade. Seguindo na análise proposta consultaremos ainda o material de Leda Maria Martins, em especial o texto “Performances da oralidade: corpo, lugar de memória” que nas palavras da autora “é oferecido como um convite para pensarmos a memória em um de seus outros ambientes, nos quais também se inscreve, se grafa e se postula: a voz e o corpo, desenhados nos âmbitos das performances da oralidade e das práticas rituais” (Martins, 2003, p. 63).

Muito embora o texto proponha uma reflexão sobre as performances orais africanas e afro-diaspóricas, ele será utilizado como referência para refletir sobre a memória dos migrantes nordestinos a partir da voz e do corpo, observando a realidade da favela da Rocinha. Desta forma, ao apresentar a noção de oralidade, Martins (2003) destaca que a oralidade não deve ser compreendida apenas como uma forma de comunicação, mas também como uma forma de expressão, apresentação, criação e transformação. Esta constatação é bem clara ao caminhar pela favela, perceber o sotaque nordestino, ouvir os repentistas ou os violeiros, podendo ser compreendido, portanto, como afirmação cultural e resistência, uma forma de “manter viva” sua identidade e sua memória.

Por meio destas performances orais são transmitidas histórias, saberes valores e crenças contribuindo para a construção de uma identidade nordestina na favela da Rocinha, ajudando os migrantes a se lembrarem de sua origem – primeira geração – ou a conhecerem sua história – segunda geração de migrantes; se firmarem como sujeitos de direito e a resistirem em face de qualquer tipo de discriminação, sendo essenciais para preservação da cultura nordestina.

Por fim, entre os conceitos apresentados e discutidos pela autora, ressalta-se o “corporeta” onde o corpo humano é apresentado como lugar de memória e de identidade, sendo utilizado como instrumento para transmitir histórias e saberes; e “performance” representando um ato de criação e transformação, através do movimento do corpo e da voz, sendo consideradas representações de arte – vivas e dinâmicas - que permitem a manutenção da tradição. Sendo justamente estas performances que buscaremos identificar a partir da dinâmica social observada no Largo do Boiadeiro.

Largo do Boiadeiro: um lugar de memória

O Largo do Boiadeiro, está localizado na parte baixa da Rocinha próximo ao bairro de São Conrado sendo um dos 25 sub – bairros da favela. O topônimo³ Largo do Boiadeiro nos remete ao arquétipo do boiadeiro, uma figura forte no Nordeste do Brasil. Neste sentido, ao enfatizar a importância da toponímia para o estudo do fenômeno urbano e da geografia cultural, Cardoso (2010) afirma:

a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. A toponímia em realidade, articula linguagem, política territorial e identidade. (Cardoso, 2010, p. 37 apud Corrêa, 2003, p. 176).

Corroborando este entendimento de que os nomes conferidos as localidades nunca são isentos de elementos identitários, o Jornal Fala Roça - mídia comunitária da favela – ao apresentar o Largo do Boiadeiro no Mapa Cultural da Rocinha descreve que toda região pertenceu ao Sr. José Boiadeiro, criador de gado, que andava à cavalo pelo local,

³ Refere-se ao nome próprio dos lugares, sendo considerada uma parte da linguística, envolvendo relações com a história, origem e evolução da localidade, arqueologia e geografia.

correndo atrás de seus bois à laço, dando origem ao seu apelido e também nome ao lugar que ficou conhecido por ser um espaço que possui diversos pontos comerciais tipicamente nordestinos como: aviário do Zé Bode; Casa Nordestina; Cachaçaria Pé de Cana e o Boteco Quintal de Casa, restaurante com raízes cearenses com forró e sertanejo tocando.

Sob este prisma, observa-se como a identidade do povo nordestino se relaciona ao nome do lugar a partir de um olhar regionalista “que reflete as diferentes formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 52), criando espaços próprios de comércio, representações artísticas e culturais, sociabilidade e de compartilhamento de memórias afetivas, resgatando através de uma vivência local as lembranças do Nordeste, buscando assim conter o processo de desterritorialização experimentado por grupos sociais específicos - especialmente migrantes.

Por isso, o estudo em tela optou pela produção de dados verbais, entrevistando migrantes nordestinos que habitam na Rocinha, com o intuito de compreender sua história de vida a partir da escuta das memórias partilhadas, para ao final refletir sobre a possibilidade de se estabelecer uma ligação entre o espaço do Largo do Boiadeiro e a consolidação destas lembranças da terra de origem. Para tanto, será utilizado o conceito de “lugar de memória” definido por Pierre Nora como suportes materiais que fortalecem e asseguram a memória de um determinado grupo.

Deste modo, na tentativa de estabelecer esta conexão ouvimos Cleonice, de 57 anos, migrante de Jacarecá (BA) e residente na Rocinha a mais de 40 anos⁴. Ela nos contou que chegou no Rio de Janeiro ainda muito nova para trabalhar, pois sua região era muito pobre e não tinha muitas oportunidades, ao comentar sobre o Largo do Boiadeiro afirmou: “... quando a gente quer comer alguma coisa diferente, vamos lá no Boiadeiro comprar. Eu tenho essa lembrança quando eu venho aqui, ... eu vejo essas comidas aqui e eu lembro de lá”, ressaltando que “a necessidade da memória é uma necessidade da história” (Nora, 2012, p.14).

O Largo do Boiadeiro abriga ainda a feira livre que acontece todos os domingos, sendo considerada um ponto de encontro entre os amigos, onde é possível comprar produtos típicos do Nordeste além de ser conhecida por ser um importante evento econômico e cultural na favela, com atrações artísticas como violeiros e repentistas. De acordo com informações compartilhadas pelo Wikifavelas “a tradicional feira livre do Boiadeiro, com sotaque nordestino, atravessou gerações a fio, driblou dificuldades e desafios e prosperou bravamente”.

Ainda sobre o Largo do Boiadeiro e as lembranças de sua terra de origem Poeiras (CE) Jonas diz:

“... aos domingos a feira, as barrquinhas que têm semanalmente, todo dia, que vende feijão, rapadura, farinha, milho para fazer munguzá, linguiça... forrozinho da seresta, pessoal com a viola, o triângulo. Aos domingos também tem na feira com as músicas típicas do Nordeste.”
(Jonas, 36 anos, migrante residindo na Rocinha a mais de 19 anos)

⁴ A entrevista com a Cleonice foi realizada em um domingo, no Largo do Boiadeiro, após caminhar pela feira que acontece semanalmente na região já sendo considerada uma tradição local.

Assim, analisando a memória através das narrativas compartilhadas pelos migrantes que residem na Rocinha foi possível constatar que o Largo do Boiadeiro pode ser compreendido como um espaço onde a tradição se materializa e encontra refúgio, em especial aos domingos quando acontece a feira por ser um espaço de encontro, sociabilidade e partilha das lembranças da terra natal.

Considerações Finais

O estudo da migração nordestina na favela da Rocinha norteou o desenvolvimento do presente artigo, que partindo da hipótese de ser o Largo do Boiadeiro um importante local da Rocinha por retratar um pouco da cultura nordestina visa compreender este sub – bairro como um espaço de (re) construção identitária. Assim o desenvolvimento da pesquisa foi pautado na perspectiva marxista para promover debates sobre as expressões da questão social que ensejaram o deslocamento dos nordestinos para o sudeste e o surgimento das favelas como alternativa da crise urbana que ocasionou o crescimento acelerado e sem planejamento das cidades gerando um déficit de moradia, demonstrando quão próxima é a relação entre migração e favela.

Todavia, o enfrentamento da crise civilizacional que experimentamos demanda ultrapassar vários desafios ademais da questão econômica. Justamente por se tratar de uma crise complexa exige que a realidade seja estudada de modo interdisciplinar, considerando outras interpretações e tipos de conhecimento, criando pontes para compreensão da realidade uma vez que apenas promover a superação do sistema capitalista não é suficiente para combater a crise da modernidade e cumprir a promessa emancipatória.

Razão pela qual, o estudo buscou através da memória propor outros caminhos para entender e preservar a cultura dos migrantes nordestinos na favela da Rocinha, considerando que a memória aflora a partir de um grupo unido pela mesma tradição. Logo, devemos pensar a favela para além das expressões da questão social, enxergando e valorizando suas potencialidades, como a construção de um patrimônio migrante observado na Rocinha que visa a preservação da cultura nordestina.

Por fim, destaca-se que a produção dos dados verbais adquiridos por meio das entrevistas realizadas confirmou a hipótese norteadora do estudo, outrossim apresentou novos temas como redes; multiculturalismo e direitos humanos que devem ser incorporados ao debate acerca das mobilidades humanas contemporâneas ampliando desta forma a análise para além das questões socioeconômicas e demográficas.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. – 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, E. et. al. **Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010**. *Revista de Política Agrícola (Embrapa)*. Ano XX – nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2011. pp.80-88.

BARBOSA, Fernando Cordeiro. **Nordestinos no Rio de Janeiro: alteridades e legados culturais**. / Fernando Cordeiro Barbosa. Niterói: Eduff, 2021.

BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson Souza; SIMÃO, Mario Pires. **A favela reinventa a cidade**. Rio de Janeiro, Mórulas: Eduniperiferias, 2020.

BRITO, Fausto. **O deslocamento da população brasileira para as metrópoles.** Estudos avançados 20, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a17v2057.pdf> - Acessado em 21/06/2023.

BUSCHER, M.; VELOSO, L. **Métodos Móveis.** Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 133-151. 2018.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. **A invenção da Zona Sul: Origens e difusão do topônimo Zona Sul na Geografia carioca,** GEOgraphia, v.11, nº 22, 2011, p. 37-58 in <https://periodicos.uff.br/geografia/article/view/13581>.

COSTA, Paulo Victor Maciel da; QUEIROZ, Silvana Nunes de. Migração para o rural e urbano brasileiro: uma análise recente (1995,2005 e 2015). Anais ABEP, 2019. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/3300/3159> - Acessado em 21/06/2023

DURAN, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações.** / Jorge Duran; Carmem Lussi. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa,** 3. ed., Porto Alegre, Artmed, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, B.; TELLES, V. DA S.; ALLIS, T. **Por uma teoria social on the move.** Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 1–16, ago. 2018.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil.** 19. ed. São Paulo: Nacional, 1986.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** / David Harvey. São Paulo: Annablume, 2005.

IANNI, Otavio. **A questão Social.** Revista USP. 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25490/27236>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana.** / Ermínia Maricato. – 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINS, L. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.** Letras, n. 26, p. 63-81, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade/** Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suelly Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

NETTO, J. P. **Cinco notas a propósito da questão social.** Temporalis. Brasília, v. 2, n. 3, 2001. p. 41-61. Disponível em: https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-201804131245276705850.pdf

NORA, P., & AUN KHOURY, T.Y. (2012). **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/1210>.

VALIM, Ana. **Migrações – da perda da terra à exclusão social** / Ana Valim. 11ª ed. São Paulo: Atual, 2009.

VALLADARES, Lícia de Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson O. (org.) A aventura sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VILLA, Marco Antonio. **Quando em vim-me embora: história da migração nordestina para São Paulo**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Pobreza e exclusão social: Expressões da questão social no Brasil**. Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - Ano. 2, n. 3 (jan./jun..2001). Brasília: ABEPSS, Graflin, 2001, p. 33-40.

Links Consultados

<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2023/03/18/favela-de-brasilia-ultrapassa-rocinha-como-a-maior-do-brasil-aponta-ibge.ghtml> (acessado em 29/01/2024)

<https://museusankofarocinha.com.br/> (acessado em 29/01/2024)

<https://www.ciespi.org.br/projetos/concluidos/cartografia/historico-rocinha-1038> (acessado em 29/01/2024)

<https://www.falaroca.com/mapa/largo-do-boiadeiro/> (acessado em 29/01/2024)

<https://falaroca.com/migrantes-nordestinos-futuro-rocinha/#:~:text=Essa%20migra%C3%A7%C3%A3o%20imprimiu%20uma%20identidade,outubro%2C%20no%20Dia%20do%20Nordestino.> (acessado em 30/01/2024)